

## **25 anos sem Chico Mendes: qual o seu legado para Educação Ambiental?**

### **25 years without Chico Mendes: what is his legacy for Environmental Education?**

**Luiza Araujo Jorge de Aguiar**

Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Nilópolis - PROPEC  
lajaguiar@gmail.com

**Alexandre Maia do Bomfim**

Instituto Federal do Rio de Janeiro – Campus Nilópolis - PROPEC  
Alexandre.bomfim@ifrj.edu.br

#### **Resumo**

Chico Mendes (CM) foi expoente do movimento seringalista e um marco para a questão ambiental, quando suas temáticas buscavam embasamento para responsabilizar o Estado e Organismos Internacionais pelas opções desenvolvimentistas que não primavam pela sustentabilidade. CM não era exatamente ecologista, mas sua ação ao lado dos seringueiros, em defesa dos povos da floresta o aproximou dessa luta, tornando-o ícone relacionado à preservação ambiental e ao movimento ambientalista internacional. Buscamos saber se alunos no RJ e no Acre conhecem a figura/história/luta de CM e a relacionam à questão ambiental, para gerar evidências sobre a presença dessa temática no ensino. CM é conhecido por 93% dos 56 alunos do IFAC que responderam aos questionários aplicados, e por apenas 44% dos 41 alunos do IFRJ participantes, indicando um conhecimento regionalizado, oriundo de fontes diferentes, onde a escola cumpre um papel pequeno. Apresentamos também dados qualitativos das respostas, além de levantamento bibliográfico e biográfico.

**Palavras chave:** chico mendes, educação ambiental, amazônia, escola, sustentabilidade

#### **Abstract**

Chico Mendes (CM) was a landmark for the international environmental movement in the eighties, blaming the State and International Organizations for unsustainable options for development. CM was not exactly an environmentalist, but his action on the side of the rubbers, in defense of the people of the forest approached this fight, transforming him into an icon related to environmental conservation and the international environmental movement. We seek to know if students in Rio de Janeiro (IFRJ) and Acre (IFAC) know CM picture/history/ struggle and associate him to environmental issues. We intend to generate evidence on the presence of this matter in education. 93% of the IFAC participants, and only 44 % of the participants from IFRJ, indicating regionalized knowledge, knows CM. This knowledge came from different sources and the school plays a small role (17% of the reports). We also present qualitative data and a bibliographic and biographical survey.

**Key words:** chico mendes, environmental education, amazon, school, sustainability

## Introdução

“Meu sonho é ver toda esta floresta conservada porque sabemos que ela pode garantir o futuro de todas as pessoas que nela vivem (...).”

(Chico Mendes)

Este trabalho apresenta dados iniciais de um projeto que tem como objetivo principal gerar materiais educativos complementares para que professores de geografia, história, biologia e outros que abordam a temática ambiental possam enriquecer o ensino através do legado da luta de Chico Mendes. Para isso, investigamos os saberes de alunos no RJ e no Acre sobre a figura/história/luta de Chico Mendes, quais as fontes desses saberes e se eles a relacionam à questão ambiental. Buscamos gerar evidências do papel da escola na disseminação destes conhecimentos e da história da luta dos direitos dos povos da floresta, direitos de cidadania e, como conhecido no Acre, de florestania. Nossa investigação buscou apreender e avaliar o legado que permanece do homem e do mito Chico Mendes entre estudantes do Acre, e traçar um paralelo com estudantes do Rio de Janeiro.

A pesquisa segue por três caminhos. O primeiro vai pelo próprio território da ação de Chico Mendes, em Xapuri e seus arredores, no Acre. O que ficou de sua marca por lá, como preservam sua memória, Chico Mendes deixou seguidores? O segundo caminho vai pelas escolas. De que forma atores da educação recuperam essa história? De que forma Chico Mendes influencia na construção de uma educação ambiental? E por fim, o terceiro caminho é continuidade dos dois primeiros: como o legado deixado por Chico Mendes na Amazônia Acreana é percebido no Centro-Sul, mas precisamente no Rio de Janeiro?

Fizemos um levantamento bibliográfico, na verdade, biográfico de Chico Mendes, e também pesquisas de campo, em território acreano -Rio Branco e Xapuri-, em dois campi do IFAC, e fluminense, no IFRJ. A proposta aqui foi a de recuperação da história. Não obstante, a originalidade deste trabalho está no ponto de vista de tentarmos apreender isso após 25 anos de sua morte, tendo como horizonte a escola e a educação ambiental. Nos parece relevante o estudo, diante também da percepção de que o debate ambiental vem se ampliando, ganhando mais presença na mídia, se intelectualizando, mas ao mesmo tempo em que parece não conquistar mudanças reais com respeito à preservação da natureza (BOMFIM, 2010). Após 25 anos da sua morte, o que Chico Mendes ainda tem para nos dizer, lá do final da década de 80, do século XX?

## **A convergência entre os trabalhadores (os vermelhos) e os ambientalistas (os verdes)**

Há muito tempo a questão ambiental chama atenção e é motivo de encontros<sup>1</sup> (e desencontros) entre Chefes de Estado e no Brasil. Na década de 70, o Brasil surgiu no cenário mundial com suas preocupações ambientais. Nesse momento, na Região Amazônica, mais especificamente no Estado do Acre, Francisco Alves Mendes Filho (Chico Mendes), líder sindical, chamou a atenção da mídia e dos grandes centros por organizar manifestações políticas dos seringueiros onde todos davam as mãos perfilados na frente das máquinas, pela não derrubada em prol da preservação da floresta amazônica buscando a manutenção da vida

---

<sup>1</sup> Desde 1972, cada 20 anos aproximadamente, a ONU realiza conferências a respeito da temática Ambiental como foi o caso da Rio + 20.

dos povos da floresta. Tais manifestações ficaram conhecidas como “*empates*” em defesa dos direitos dos seringueiros e contra a ação e expansão dos ruralistas e pecuaristas.

Chico Mendes não era exatamente um ecologista, sua atuação era em defesa dos direitos dos trabalhadores rurais seringueiros, mas sua luta em defesa dos povos da floresta foi incorporada por ambientalistas e se tornou exemplo de defesa da floresta amazônica. Ele próprio também viu convergência entre a luta dos seringueiros com a dos ambientalistas como diz Zuenir, (2003). De acordo com o Allegreti, 2008, p.18,

A luta dos seringueiros era, em primeiro lugar, de caráter sindical, com uma conotação muito definida de luta por justiça social. A identidade ambiental do movimento surgiu depois, fruto das alianças externas que realizaram com segmentos do ambientalismo internacional. Mas essa identidade somente foi possível porque já havia uma vinculação orgânica histórica com a floresta, derivada da vida e do trabalho nos seringais.

Em virtude de suas ações em defesa dos Povos da Floresta, em 1987 Chico Mendes foi convidado para participar do encontro anual do Banco Interamericano do Desenvolvimento – BID. Seu discurso era contra os investimentos do BID na expansão da rodovia BR 364 que corta os Estados de Rondônia e do Acre. De acordo com Souza (1990), Chico Mendes dizia que se a rodovia fosse asfaltada até o estado do Acre, uma parcela pequena de fazendeiros seria beneficiada e comunidades rurais de seringueiros seriam diretamente afetadas, perdendo suas posses, assim como acontecera em Rondônia. Como diz Palmer (2006, p. 300),

Chico Mendes sabia que o futuro das florestas e dos seringueiros estavam inseparavelmente interligados; que para garantir o futuro das pessoas, as florestas tinham que ser protegidas e geridas por aqueles que entendiam o ecossistema e como viver sustentavelmente dele. Dos seus esforços surgiu o conceito de “reservas extrativistas”, que são florestas legalmente protegidas para as pessoas que vivem e trabalham na terra de maneira sustentável.

No final do século XX, o Brasil passou a ser visto como um dos países que mais devastavam o ambiente, roubando a cena do Japão. O Brasil entrou no cenário internacional, Segundo Souza, (1990, p. 16), como o “vilão corrupto e inconsequente, mestiço e culturalmente deformado, capaz de desestabilizar o meio ambiente apenas para garantir um excedente para pagar os juros da enorme dívida externa”.

Sabe-se que Chico Mendes é até hoje uma personalidade quando o assunto é defesa do ambiente e principalmente da Floresta Amazônica e dos Povos da Floresta.

O *New York Times* já o havia considerado um ‘símbolo de todo o planeta’, o BIRD, o BID e o Congresso Americano apoiavam sua causa, a ONU já o premiara com o Global 500, mas ele precisou ser assassinado no dia 22 de dezembro de 1988 para ser reconhecido em seu país como um herói trágico que anunciou a própria morte. (VENTURA, 2003 p.10).

Observa-se que, no Estado do Acre e no Brasil, muito do que se tem de avanço nesse sentido, é consequência de sua luta. De acordo com Allegretti (2008, p.19), “o movimento dos seringueiros preencheu uma lacuna que faltava ao movimento ambientalista: o componente social e econômico para a defesa das florestas tropicais.” Diante dessa realidade, acredita-se que uma educação ambiental não apenas preservacionista, mas formadora de cidadãos politizados e conscientes, deva ser realizada na mesma proporção em que surge a necessidade de se fazê-la. E a escola, em tese, deveria ter papel de destaque nesse processo formativo.

Desde a segunda metade do século XX, a questão ambiental vem sendo colocada em pauta nas diferentes reuniões governamentais, intragovernamentais e na relação com a sociedade civil. Como diz Lima e Mourão (2007, p. 35),

As preocupações referentes às questões ambientais são históricas. No ano de 1968, foi realizada em Roma uma reunião com cientistas de países desenvolvidos, cujo tema de discussões foi o consumo e as reservas de recursos naturais não renováveis e o crescimento da população mundial. Um dos principais méritos das discussões realizadas em Roma foi de expor o problema ambiental em nível mundial, e em consequência disso a Organização Mundial das Nações Unidas – ONU realizou no ano de 1972, em Estocolmo, na Suécia, a primeira Conferência Mundial do meio ambiente Humano, a qual teve como principal tema a poluição ocasionada pelas indústrias.

Ao longo dos anos, diferentes palavras foram utilizadas para abordar o assunto, dando origem a termos como “Ecodesenvolvimento”, “Desenvolvimento Sustentável” e “Sustentabilidade”. Entende-se que todos eles, de certa forma, surgem com o intuito de acatar a questão ambiental trazida pelo progresso mas sem que isso ameace a busca do lucro exacerbado no capitalismo, bem como a relação de exploração dos recursos naturais. Diante dessa realidade surge a curiosidade de compreender como se dava a relação de populações, hoje chamadas de tradicionais, com os recursos naturais. Acredita-se que essas populações ditas tradicionais sabiam (e talvez ainda saibam) se relacionar de forma sustentável, usando os recursos naturais e a relação social, em prol de toda a comunidade. Tal hipótese vem se desenhando como possível de acordo com as entrevistas de aproximação que vem sendo feitas até aqui. Diante dessa hipótese proposta, por que não aprender com essas populações tradicionais como se relacionar com o ambiente buscando alcançar a sustentabilidade e soluções para os problemas ambientais atuais?

Conforme Antunes (2010) afirma, Chico Mendes era filho de seringueiro e ganhava a vida extraindo látex das seringueiras na floresta amazônica. Pobre e sem estudo, quando ainda criança, Chico Mendes, também entrou para a profissão de seringueiro e aos nove anos já acompanhava o pai no seringal. Naquele momento era sua única opção, já que lhe foi negada a oportunidade de estudar. Mais tarde, Chico Mendes se tornou líder sindical e até hoje, é símbolo da luta pela defesa da floresta Amazônica e dos Povos da Floresta.

No Estado do Acre, há quem ame Chico Mendes, mas também há quem não goste, alegando que ele não era seringueiro e apenas sindicalista. Várias versões a respeito desse herói nacional surgiram ao longo desses 25 anos seguintes à sua morte. Entretanto, pode-se dizer que a luta pela sobrevivência dos seringueiros era uma luta pela educação ambiental. Afinal, Chico Mendes sonhava em ver toda esta floresta conservada porque sabia que ela poderia garantir o futuro de todas as pessoas que nela vivem.

Falar de educação ambiental não é uma tarefa fácil. Classificá-la então, menos ainda. Segundo Lima e Mourão (2007, p. 29) “a educação ambiental está vinculada não somente à transmissão de conhecimento sobre natureza, mas também à possibilidade de ampliação da participação política dos cidadãos”. Nesse sentido, estudar e conhecer personalidades do movimento socioambiental brasileiro se faz importante, principalmente quando se tem, ainda hoje, uma grande parcela da população em situação de vulnerabilidade social e sem instrução, mas que utiliza dos recursos naturais como ferramenta de subsistência.

Diante dessa realidade, Chico Mendes, surgiu como figura importante nesse processo de construção de identidade de uma maioria. Com o tempo, Chico Mendes se tornou líder do movimento em defesa da floresta e dos direitos dos seringueiros, enfrentando duramente os grandes fazendeiros que vieram para o Acre em busca de terras para a criação do gado. Era atuante na luta dos seringueiros contra o desmatamento, se tornando símbolo da defesa do ambiente e sobrevivência dos povos da floresta. Por toda sua ação em prol dos seringueiros, Chico Mendes se elegeu vereador e conduziu debates entre líderes sindicais, populares,

religiosos e grandes fazendeiros, em um tempo de ditadura militar. Chico Mendes teve o apoio da igreja católica e aprendeu muito com o Padre Paulino, padre da paróquia de Sena Madureira que iniciou os “empates” na região.

Mais tarde, na década de 80, Chico Mendes se tornou presidente do Sindicato dos Trabalhadores de Xapuri e liderou encontro Nacional dos Seringueiros, fazendo com que a luta dos seringueiros começasse a ganhar repercussão nacional e internacional. Sua proposta de "União dos Povos da Floresta" que pretendia unir os interesses de índios e seringueiros em defesa da floresta amazônica, é apresentada ao Brasil e ao Mundo. O projeto de Chico Mendes em defesa dos Povos da Floresta incluía a criação de reservas extrativistas para preservar as áreas indígenas e a floresta, e a garantia de reforma agrária para beneficiar os seringueiros. Nesse ano de 2013, a primeira reserva extrativista do Brasil, que recebe o nome de Reserva Chico Mendes, completou 23 anos de criação. Segundo Allegretti (2008, p.19),

Esta política de criação de áreas protegidas para o uso sustentável de populações tradicionais teve êxito politicamente porque criou um mecanismo institucional de resolução de conflitos em torno da terra e da floresta; socialmente, porque assegurou meios de vida para as gerações atuais e futuras; culturalmente, porque respeitou formas tradicionais de uso dos recursos naturais; e ambientalmente, porque impediu o avanço dos desmatamentos. Tal resultado foi alcançado por meio da combinação de fatores endógenos e exógenos ao movimento dos seringueiros, tais como (...) a identificação do líder sindical Chico Mendes como símbolo ambiental após o seu assassinato, no contexto que antecedeu a Conferência do Rio em 1992. O resultado foi a transformação de problemas de âmbito local (...) em temas de interesse internacional.

Chico Mendes ficou conhecido mundialmente pela luta em defesa do meio ambiente e das populações tradicionais, e pagou com a própria vida por esse ideal, se transformando em símbolo da luta pela Amazônia e os Povos da Floresta. Em 22 de dezembro de 1988, Chico Mendes foi assassinado dentro de casa. A importância que Chico Mendes tem dentro do contexto político ambiental brasileiro nos leva então, a buscar compreender como toda sua história e seu legado podem ser transmitidos aos educandos na tentativa de se construir uma educação ambiental que respeite não apenas o natural, mas a condição de cidadão dos grupos que formam as populações tradicionais e o vínculo que essas populações já têm com o meio ambiente.

### **Impressões do Campo...**

Essa pesquisa *in loco* teve início em janeiro de 2013. Fomos ao Município de Xapuri no Estado do Acre, localizado a 3 horas da capital Rio Branco, para conhecer o Seringal Cachoeira, modelo de sustentabilidade no estado do Acre e para ver de perto o cenário onde se passou a história de vida e morte de Chico Mendes.

Entre tantas versões, ainda sim a história que todos conhecem e que os livros trazem a respeito de Chico Mendes se mostra mais forte e resistente, e buscar por essa veracidade ainda é algo perigoso. O clima no município de Xapuri, hoje, no ano 2013, ainda é pesado. Pessoas ainda tem medo de falar sobre o ocorrido em 1988 e quem aceita falar toma cuidado com as palavras e com as pessoas que passam, e quando alguém “do lado” dos fazendeiros se aproxima, o assunto é interrompido e é chegada a “hora de ir embora”. Andar por Xapuri em busca de informações requer cuidado e paciência. Mas apesar desse clima tenso, algumas ações vêm sendo pensadas em decorrência dos 25 anos de sua morte. Está sendo organizado no Estado do Acre, “Chico Mendes vive mais 25”, um momento de discussão a respeito do legado de Chico Mendes e pra mostrar tudo quem vem sendo feito em prol da floresta

amazônica, no sentido de que seus ideais não se foram quando ele morreu, e seus filhos e demais ambientalistas mantém vivos os objetivos de Chico.

### Saberes dos alunos sobre Chico Mendes e a questão ambiental

Buscamos saber se alunos no RJ e no Acre conhecem a figura/história/luta de Chico Mendes e a relacionam à questão ambiental de modo a gerar evidências sobre a presença dessa temática no seu ensino. Aplicamos 96 questionários, sendo 35 com alunos do Instituto Federal do Acre (IFAC) em Rio Branco e 20 em Xapuri, totalizando 55 no Acre, e com 41 alunos do IFRJ em Nilópolis. A faixa de idade dos alunos variou de 14 a 35 anos, sendo todos do ensino médio/técnico ou pós-médio. Os questionários foram aplicados ao final de aulas não diretamente relacionadas a educação ambiental, tais como espanhol, biologia, química e matemática. Explicamos o objetivo da pesquisa e no questionário perguntamos se conheciam Chico Mendes, como o conheceram ou ouviram falar, o que sabiam sobre ele, e qual relação haveria entre Chico Mendes e a questão ambiental.

Chico Mendes é conhecido por 93% dos 55 alunos do IFAC que responderam aos questionários aplicados, e por apenas 44% dos 41 alunos do IFRJ participantes (Fig. 1), indicando um conhecimento bastante regionalizado. No Acre, todos os 20 alunos de Xapuri, e 31 (89 %) dos alunos de Rio Branco registraram conhecer sua história e legado (Fig. 1). Estes conhecimentos foram originados de cinco fontes diferentes: pela mídia (40 relatos sobre internet, jornais, revistas, etc), pela sociedade (20 relatos sobre amigos, familiares, população, história), pela escola (15 relatos), por visitas a espaços educativos não formais como museus ou parques (8 relatos) e ainda por propaganda política (1 relato).

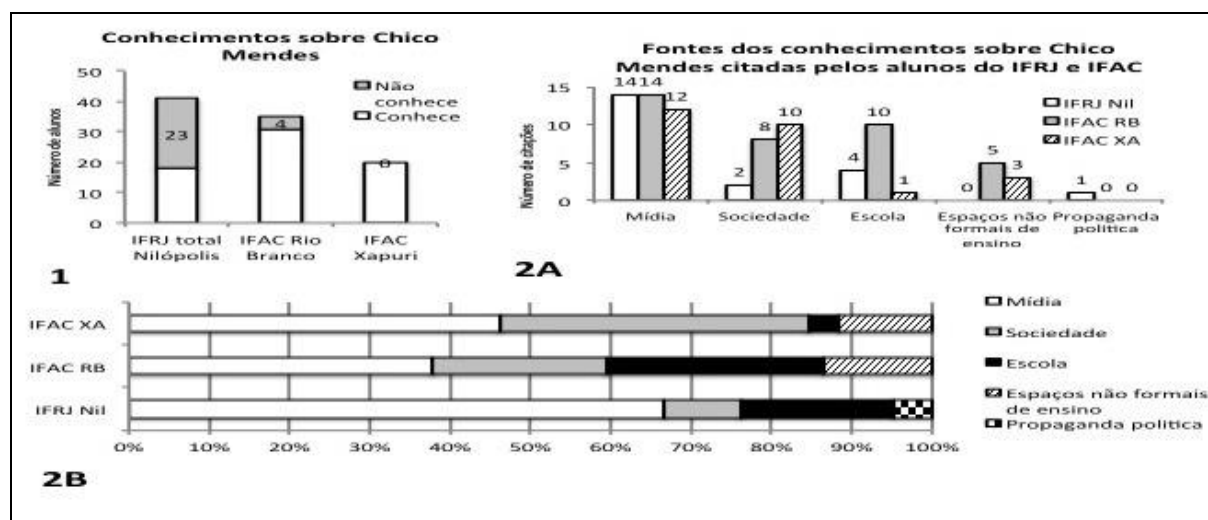


Figura 1: Relatos de alunos relativos a conhecimentos sobre Chico Mendes nas diferentes escolas estudadas; Figura 2: Fontes citadas como origem dos conhecimentos sobre Chico Mendes em cada escola estudada: A= número absoluto de relatos; B= percentual relativo em cada escola.

A Figura 2 mostra a estratificação destas fontes em número absoluto de relatos obtidos em cada escola (Fig. 2A) e em percentual relativo (Fig. 2B). Em todas as escolas a fonte mais citada de informações foi a mídia, que é amplamente majoritária no IFRJ (67%). No Acre os relatos advindos da sociedade são mais frequentes (Fig. 2A e 2B), e dominam amplamente os relatos do IFAC de Xapuri. A riqueza de fontes citadas no IFAC contrasta com a rarefação citada no IFRJ, e as informações tratadas na escola não se destacam nos relatos dos alunos de nenhuma das três escolas (apenas 4% em Xapuri, 27% em Rio Branco e 19% no Rio de Janeiro). Ao todo apenas 15 das 84 citações (17%) de fontes feitas pelos alunos se referem à escola como nicho fonte de informação. Visitas a museus (casa de Chico Mendes, Museu

Chico Mendes) e parques foram citadas no Acre e propaganda política foi citada como fonte no IFRJ. Quanto ao que os alunos sabem sobre Chico Mendes, no IFRJ esses saberes se restringem aos fatos dele ser ambientalista, da Amazônia, e lutar pela preservação da floresta, enquanto os conhecimentos dos alunos do IFAC são mais ampliados, versando sobre a vida pessoal, a história de lutas e o contexto político e social da “causa ambiental”. A análise de conteúdo das respostas abertas coletadas nos questionários está em andamento. Muitos relatos refletem a construção do mito do herói; outros apresentam erros conceituais.

### **Considerações Finais**

Identificamos 5 biografias de Chico Mendes (ALLEGRETTI, 2002; ANTUNES, 2010; MARTINS, 1998; SOUZA, 1999, VENTURA, 2003) e seu estudo nos mostrou que a história desse homem não somente vale a pena ser contada – sendo importante mantê-la viva na memória – como permanece atual. Isso porque os desafios ambientais da época de Chico Mendes recrudesceram, a Amazônia permanece ameaçada<sup>2</sup>, o desenvolvimentismo só aumentou (inclusive muito com a “Era Lula” – cf. BOMFIM, 2010) e elementos que envolvem conflitos de interesse na temática ambiental reapareceram, mas na verdade são novas roupagens da mesma estrutura: manutenção de poder e busca de valorização do capital (MÉSZÁROS, 2002). Neste momento da pesquisa isso já se mostra com tamanha força que até assusta. A pesquisa de campo, ainda aproximativa, encontrou vários entendimentos sobre as causas e sobre o próprio desenrolar que levou Chico Mendes à morte. Na verdade, são as forças atuais em disputa, cada uma tentando diminuir ou aumentar a força do legado, do mito e do mártir, em consonância com seus próprios interesses e posição política atual.

Com a morte de Chico Mendes, certos grupos segregados ganharam alguma expressão, alguns de seus aliados alcançaram o poder (VENTURA, 2003), mas o poder dos latifundiários permaneceu e até hoje mantêm forte influência no poder local (como vimos nas entrevistas) e para além do Acre (travestidos agora no termo modernoso do “agronegócio”). O legado de Chico Mendes ainda está em disputa, 25 anos se passaram, mas os protagonistas daquele período ainda vivem e disputam<sup>3</sup>. A história ainda está sendo contada, deve-se ter ainda mais cuidado em retomá-la para não silenciar os vencidos (DE DECCA, 1985). O fato é que Chico Mendes foi martirizado, foi morto por latifundiários e de seu lado convergia a luta dos ambientalistas (os verdes) e a luta dos seringueiros, dos trabalhadores (os vermelhos) (LÖWY, 2005). A história pode ser revista, pode ser recontada, pode também se envolver itens menores e mesquinhos, mas ainda assim valerá a reflexão: qual o seu legado para a Educação Ambiental?

Começamos a perceber que o estudo que vamos fazendo vai exigir grande rigor, ao mesmo tempo em que nos exigirá, mais cedo ou mais tarde, algum posicionamento (já que nenhuma pesquisa científica pode ser permanentemente neutra). Não há positivismo que resista a tanta tensão política. Não obstante, o desafio é entender como tudo isso atinge a Escola, mas, como também sabemos que em algum momento vamos ser desafiados a dizer: como queremos que esse legado atinja à escola.

Nossos próximos passos serão a conclusão de análises em outra escola e da entrevista com professores, para subsidiar com o conjunto dos resultados um material educativo complementar para que professores de diferentes disciplinas possam abordar a temática ambiental através do legado da luta de Chico Mendes.

---

<sup>2</sup> Vide o caso Belo Monte e toda sua repercussão (OLIVEIRA, 2012).

<sup>3</sup> Em 2010, o Estadão publicou a seguinte manchete: “Viúva convive com os assassinos de Chico Mendes no AC” (ESTADÃO, 2010).

## Agradecimentos e apoios

Agradecemos aos estudantes, professores e diretores das escolas participantes da coleta dos dados; aos colegas do IFRJ e do IFAC que colaboraram na aplicação dos questionários, e a Tania Araujo-Jorge pela tabulação de dados e pela revisão do texto do trabalho.

## Referências

ALLEGRETTI, M. H. A Construção Social de Políticas Ambientais – Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros, 827p., mm. Tese de Doutorado – Universidade de Brasília. Centro de Desenvolvimento Sustentável. 2002

ANTUNES, P. Alguns traços da trajetória de Chico Mendes. **Revista Discente Expressões Geográficas**, nº 06, ano VI, p. 19 – 40. Florianópolis, junho de 2010. Disponível em [www.geograficas.cfh.ufsc](http://www.geograficas.cfh.ufsc).

BOMFIM, A. M. O (Sub)Desenvolvimento (In)Sustentável: A Questão Ambiental nos países periféricos latino-americanos. In: **Trabalho Necessário**, Rio de Janeiro, ano 8, nº 10. Rio de Janeiro, UFF, 2010.

DE DECCA, E. **O Silêncio dos Vencidos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ESTADÃO. Viúva convive com os assassinos de Chico Mendes no AC. In: **ESTADÃO**. Disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/nacional,viuva-convive-com-assassinos-de-chico-mendes-no-ac,605008,0.htm>. Acessado em março de 2013.

LIMA, C. C.; MOURÃO, A. R. B. **A Representação Social da Educação Ambiental: a visão docente no curso de pedagogia**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

LÖWY, M. **Ecologia e Socialismo**. São Paulo: Cortez, 2005.

MARTINS, E. **Chico Mendes: Um povo da floresta**. Rio de Janeiro, Ed. Garamond, 1998.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. Campinas/SP; Boitempo, 2002.

OLIVEIRA, M. A. Justiça determina suspensão de obras da usina de Belo Monte. In: **G1**. 14/08/2012. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/08/justica-determina-suspensao-das-obras-da-usina-de-belo-monte.html>. Acessado em março de 2013.

PALMER, J. A. **50 grandes ambientalistas, de Buda a Chico Mende**. São Paulo, ed. Contexto, 2006

SOUZA, M. **O Empate contra Chico Mendes**. Editora Marco Zero, São Paulo – SP 1990

VENTURA, Z. Chico Mendes: **Crime e Castigo**: Quinze anos depois, o autor volta ao Acre para concluir a mais premiada reportagem sobre o herói dos Povos da Floresta. São Paulo, Companhia das Letras, 2003.